

DUAS DE LETRA

GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Novembro 2020

GUIA DE LEITURA

Conduz o teu arado sobre os ossos dos mortos – Olga Tokarczuk

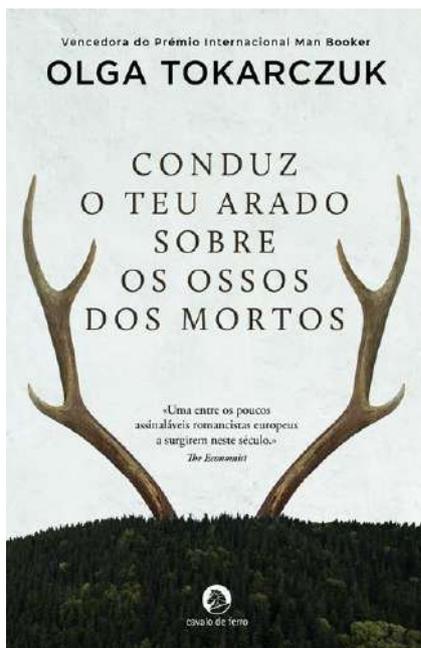


OLGA TOKARCZUK

Biografia: Olga Tokarczuk nasceu em Sulechów, uma pequena cidade polaca, em 1962. Formada em Psicologia, publicou o seu primeiro livro em 1989, uma coletânea de poesia intitulada *Miasta w lustraché*, seguindo-se os romances *E. E.* e *Prawiek i inne czasy*, tendo sido este último um sucesso. Uma das melhores e mais apreciadas autoras de hoje, a obra de Olga Tokarczuk tem sido alvo de várias distinções, nacionais e internacionais. Recebeu por duas vezes o mais importante prémio literário do seu país, o Prémio Nike; em 2018, foi finalista do Prémio Fémina Estrangeiro e vencedora do Prémio Internacional Man

Booker. Vencedora em 2018 do Man Book Internacional Prize com o seu livro *Viagens*, a Academia Sueca atribui-lhe o Nobel em 2018 pela sua imaginação narrativa que, com paixão enciclopédica, representa o atravessar de fronteiras enquanto forma de vida. A autora também recebeu o German- Polish International Bridge Prize, o qual distingue personalidades que promovem ações de paz e entendimento entre os povos da Europa. Dos mais de quinze livros escritos por Olga Tokarczuk destacam-se *Primeval and The Other Times* e *The Books of Jacob*. Em português estão traduzidos os livros *Viagens* e *Conduz o Teu Arado Sobre os Ossos dos Mortos*. Sobre a sua escrita, pode-se afirmar que a partir do livro *Primeval and Other Times* a sua prosa afastou-se da narrativa mais convencional, aproximando-se dos ensaios e da prosa breve. No seu universo literário mistura-se irracional com o racional e todas as personagens se entrelaçam nas biografias e características, sempre numa descrição linguisticamente rica, poética e precisa dos detalhes. Os seus livros estão traduzidos em trinta línguas. Prémio Nobel da Literatura 2018. Em 2019, foi distinguida pela Academia Sueca com o Prémio Nobel de Literatura pela sua «imaginação narrativa, que com uma paixão enciclopédica representa o cruzamento de fronteiras como forma de vida».

Sinopse de *Conduz o Teu Arado Sobre os Ossos dos Mortos*:



Numa remota aldeia polaca, a excêntrica Janina Duszejko, professora reformada, divide os seus dias a traduzir a poesia de William Blake e a observar os sinais da astrologia, fazendo por manter-se afastada das pessoas e próxima dos animais, cuja companhia prefere; mas a pacatez dos seus dias vê-se interrompida quando começam a aparecer mortos vários membros do clube de caça local. Certa de encontrar respostas, Janina decide lançar-se na investigação do caso, chegando a uma estranha teoria que espalhará o terror pela comunidade.

Sob a máscara de policial noir ou fábula macabra, *Conduz o Teu Arado Sobre os Ossos dos Mortos* é um romance mordaz e desconcertante que questiona a nossa posição acerca dos direitos dos animais e responsabilidade sobre a natureza, bem como todas as ideias preconcebidas sobre a loucura, a justiça e a tradição. do que é a educação e do que ela nos pode oferecer: a perspetiva de ver a vida com outros olhos e a vontade de mudarmos.

O equilíbrio perturbado

Um “romance rural” que põe a máscara de policial noir ao mesmo tempo que se revela como uma narrativa política sobre a natureza — uma fábula desconcertante.

José Riço Direitinho | Público – Ipsilon 8 Nov 2019



Um olhar irónico e cómico, outras vezes zangado, sempre profundamente político

Conduz o Teu Arado Sobre os Ossos dos Mortos

Olga Tokarczuk (trad. de Teresa Fernandes Swiatkiewicz), Cavalo de Ferro

Quis o acaso que a atribuição do prémio Nobel de literatura à polaca Olga Tokarczuk (n. 1962) acontecesse poucos dias antes da chegada às livrarias deste romance *Conduz o Teu Arado Sobre os Ossos dos Mortos* — o segundo livro da escritora traduzido para português (directamente do polaco), meia dúzia de meses depois da publicação de *Viagens*. A academia sueca, com a sua habitual concisão e algum hermetismo, justificou o prémio por “uma imaginação narrativa que com paixão enciclopédica representa o cruzamento de fronteiras como forma de vida”.

Ora, era exactamente deste “cruzamento de fronteiras” que vinha parte do fascínio no livro anterior, *Viagens*: do movimento incerto das histórias em oposição à estabilidade dos limites, das suas interrupções e dispersões, da desarrumação narrativa, do contágio de géneros como o ensaio ficcionado ou a autobiografia. Mas *Conduz o Teu Arado Sobre os Ossos dos Mortos* pouco tem das características que faziam daquele um livro

surpreendente: o que apenas o torna mais “comum” quanto à forma romanesca, e não quanto à sua singularidade literária; mas lá irei.

Num remoto lugarejo polaco, que “não é mais que meia dúzia de casas” e onde o Inverno só acaba em Abril, vive a algo excêntrica Janina Duszejko, professora reformada, que ocupa a pacatez dos seus dias de Inverno tomando conta das casas desabitadas daqueles que vivem na cidade quase todo o ano, e traduzindo a poesia e as cartas de William Blake com um amigo muito mais jovem que a visita às sextas-feiras. Em tempos, Janina fora engenheira — construiu pontes na Síria e na Líbia — e o que então lhe dava “mais prazer era transformar as ideias em números”. Mas Janina também se interessa por astrologia, acredita que “conjunturas astronómicas semelhantes descrevem acontecimentos semelhantes”, e tenta entender o mundo a partir de correlações astrológicas estapafúrdias. “Sempre achei que a Astrologia tem de ser aprendida através da prática. Trata-se de um conhecimento sério, em grande parte, empírico e tão científico como — digamos — a Psicologia.” Note-se a “ironia fria”: a autora, Olga Tokarczuk, estudou psicologia e exerceu clínica durante vários anos.

A narrativa, quase nostálgica, que se começa a desenhar como um “romance rural” sem sobressaltos de maior — mesmo depois de um dos vizinhos aparecer morto por se ter engasgado com um osso — passa aos poucos a adquirir tons de thriller, de romance noir. A excêntrica idosa Janine, que prefere a companhia dos animais à das pessoas, tem a particularidade de ter um cemitério para bichos. Entretanto, a morte do vizinho é o início de uma série de outras mortes: do comandante da Polícia local a membros do clube de caça da região. Janine quer encontrar respostas para o que está a acontecer, e tenta ajudar nas investigações com factos ou “provas” que ela considera essenciais. Mas não lhe dão ouvidos. “Às vezes fico a pensar se, em vez de mim, a mesma coisa fosse dita por um homem novo, belo e bem constituído, seria ele tratado da mesma maneira que eu?”

A acção decorre lenta, a narrativa quase que se arrasta, o que parece querer sublinhar a calma da vida rural: a “brancura fria” que se vê da janela e que se prolonga pelo planalto, a neve que enche os caminhos, as maleitas físicas de Janine, o vento frio, as árvores, as corças e outros animais do bosque. Continua nesse registo lento mesmo quando as mortes acontecem — entretanto, o livro soa já a thriller — e mais adiante a protagonista da história revela a sua “teoria” macabra para as explicar. E é nesta “explicação” que Conduz o Teu Arado Sobre os Ossos dos Mortos adquire a sua, talvez, maior dimensão: a política. Já antes tinham sido deixados ao longo da narrativa alguns apartes que apontavam para uma visão singular do mundo: do olhar acerca da natureza, do humano, dos animais, da alimentação, ao equilíbrio perturbado. “Diz-se sem cessar que as coisas são assim, e retomam-se apenas ideias antigas. A realidade envelheceu, tornou-se senil, pois está sujeita às mesmas leis que todos os organismos vivos — o envelhecimento. (...) A apoptose é uma morte natural, causada pelo cansaço e esgotamento da matéria. Em grego, a palavra significa ‘queda de pétalas’. O mundo perdeu as suas pétalas.”

Conduz o Teu Arado Sobre os Ossos dos Mortos é um romance que surpreende pelo olhar que deita ao nosso mundo: à vez irónico e cómico (de uma comicidade velada), outras vezes zangado, sempre profundamente político, e de uma mordacidade que desconcerta.

Olga Tokarczuk: salvar o planeta um cadáver de cada vez

"Conduz o Teu Arado sobre os Ossos dos Mortos", de Olga Tokarczuk, é um "thriller" policial bucólico, com toques de contos de fadas sombrios, sobre como a Natureza se pode vingar da humanidade.

[Miguel Troncão](#) 24 nov 2019, OBSERVADOR



▲ Olga Tokarczuk venceu o Prémio Nobel da Literatura em 2018

Publicado originalmente em 2009, o romance da polaca Olga Tokarczuk foi publicado este ano em Portugal, pela Cavalos de Ferro

Em 2006, Al Gore assusta o mundo com o documentário “Uma Verdade Inconveniente”. Aparentemente, a nossa estadia no planeta Terra não era tão duradoura como achávamos, e a culpa era nossa. Andámos a usar e abusar dos recursos finitos. De repente, todos ganhámos consciência ambiental e nos apercebemos do mal que, enquanto sociedade, tínhamos andado a fazer à Natureza e de como ela, mais cedo do que tarde, se “vingaria” através do aumento gradual da temperatura, do nível do mar e de uma miríade de outros problemas ligados ao clima.

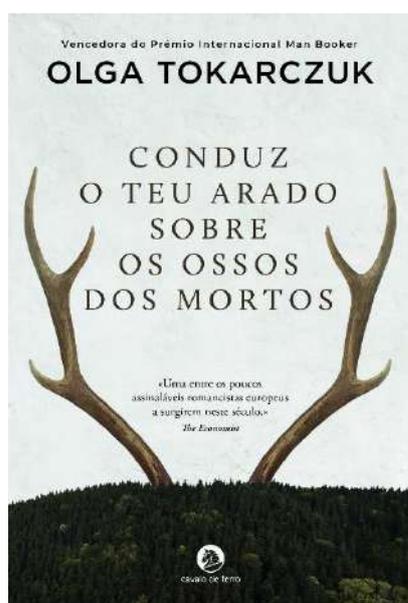
Dois anos depois, em 2008, estreia “O Acontecimento, The Happening”, realizado por M. Night Shayamalan e protagonizado por Mark Wahlberg, filme rapidamente considerado como mais um falhanço do realizador que, desde *Signs*, tem vindo a desiludir a crítica. É uma tentativa de reflexão ecologista sobre como o abuso da Natureza por parte do ser humano pode ter consequências muito drásticas para nós. Neste caso, as plantas desenvolvem um mecanismo de defesa que afeta a mente dos humanos, fazendo-os cometer suicídio em massa. Não fosse o facto de o filme estar tão mal escrito, atuado e

realizado, poderia ter sido um contributo muito válido para a conversa sobre as alterações climáticas e a nossa obrigação para com a Natureza.

No ano seguinte, 2009, Olga Tokarczuk, [vencedora do Prémio Nobel da Literatura](#) de 2018, publica em polaco o livro *Conduz o Teu Arado sobre os Ossos dos Mortos*, que permanecerá praticamente desconhecido a oeste da Polónia durante os nove anos seguintes, até ser traduzido para inglês, mas que lhe valerá, em 2019, uma nomeação para o Man Booker International Prize. Tokarczuk também vai buscar esta ideia da Natureza como ser que sente, que reage contra a ação humana desrespeitadora, mas numa dimensão muito mais pequena e pessoal. A ameaça já não é global, onde tanto sofre o justo como o pecador, mas sim individual, pensada especificamente para aqueles que, através das suas ações, quebram o eterno equilíbrio natural.

É com esta suspeita de ataque personalizado que começa a obra. O cenário não podia ser mais propício: uma povoação rural remota, junto à fronteira da Polónia com a República Checa, ladeada por montanhas e por uma floresta cerrada, onde a neve e o gelo reinam durante a maior parte do ano. Perante este ambiente altamente hostil, Janina Duszejko, a idosa narradora e protagonista da história, lembra ao leitor que “o mundo não fora criado para o Homem”. Com esta frase fica implícita a conclusão de que, ainda assim, o Homem tenta impor-se como regente do mundo, colhendo depois maus resultados para si. Vemos esse resultado poucos parágrafos a seguir, quando Janina e o seu vizinho Papão (Papão é a alcunha que ela lhe dá), encontram o seu outro vizinho, Pé Grande, morto em casa.

À primeira vista, não há nada que nos leve a crer que esta morte tenha algo de especial. Pé Grande morre engasgado com um osso de veado. Mas Janina, com uma sensibilidade especial no que toca à Natureza, especialmente para com os animais, apercebe-se da presença de umas corças à volta da casa, que se comportam de forma estranha. Parecem atentas, como que à espera de algo. Janina formula então a teoria de que, de alguma forma, as corças são as responsáveis pela morte de Pé Grande. Este homem era caçador furtivo, e usava os próprios recursos da Natureza para caçar os animais da floresta. Seria então de esperar que, mais tarde ou mais cedo, a Natureza se vingasse.



Esta é apenas a primeira vítima. Ao longo do livro, vamos assistindo a uma série de mortes, aparentemente inexplicáveis, de homens que vão aparecendo sem vida no meio da floresta. Todos eles partilhavam a paixão pela caça, mas Janina parece ser a única a perceber esta ligação, sendo também a única a suspeitar da “mão” animal por trás das mortes. As evidências são óbvias: as pegadas de animais à volta dos corpos, em padrões de movimento não usuais, o seu estranho comportamento, como que se já não se assustassem com presença humana, e uma motivação forte: o ataque destes homens ao seu habitat.

Apesar de parecer horrorizada pelos assassinatos, Janina consegue perceber a razão pela qual a Natureza se viraria contra estes homens. A sua sensibilidade no que toca a questões ecológicas e de defesa da Natureza faz dela uma força incómoda numa sociedade rural com uma forte cultura de caça. Mesmo a caça legal é, para ela, um ato criminoso e desumano, uma quebra na ordem natural, e por isso vemos-na muitas vezes a tomar ações concretas contra grupos de caçadores. Parte do seu dia é dedicado a dismantelar armadilhas ou a afugentar animais de zonas perigosas. Numa vila onde a igreja é dedicada a S. Huberto, padroeiro dos caçadores, Janina transforma-se assim numa força protetora da floresta e dos que lá habitam.

No meio deste ambiente de contos de fada de terror, onde os animais em vez de falarem, matam, vamos tendo momentos de normalidade, repletos de descrições sobre o quotidiano. A ida aos correios ou à mercearia acontece paralelamente à descoberta de um corpo bolorento, morto há semanas. O horóscopo é usado para tentar dar sentido a uma série de mortes bizarras. O excepcional e o banal andam de mãos dadas, intercalando entre si.

O mesmo acontece com a escrita de Tokarczuk, que vai intercalando entre dois estilos muito diferentes. Por vezes temos um texto carregado de simbolismos. Isto acontece, por exemplo, quando Janina é visitada, mais do que uma vez, pela sua falecida mãe, com quem fala, ou com a referência às suas duas cadelas, que nunca vemos, mas que estão sempre presentes, ainda que não fisicamente. Por oposição, a escrita é, por vezes, muito concreta e desprovida de qualquer segundo significado, o que ocorre quando Janina está a ser interventiva, num discurso de manifesto que acontece sempre quando se insurge contra os caçadores.

A narrativa é enriquecida pelas personagens que orbitam à volta de Janina, desde Papão, um vizinho com quem pouco fala, mas de quem se aproxima depois de descoberto o primeiro corpo, a Dizzy, um ex-aluno com quem traduz as obras de William Blake, passando ainda por Boa Nova, a lojista fã de livros de terror. É interessante verificar que as personagens às quais poderíamos chamar de vilões, por estarem em direto confronto com a protagonista, são os mesmos que vão morrendo ao longo do livro.

Conduz o Teu Arado sobre os Ossos dos Mortos talvez não nos esfregue na cara as suas preocupações ecologistas como “Uma Verdade Inconveniente” ou “O Acontecimento” o fazem, mas não deixa de colocar o dedo na ferida, com a arte e engenho de uma sensibilidade literária.

O que já era antes de ser. O primeiro livro de Olga Tokarczuk, a 26 anos do Nobel

25.07.2020 LUCIANA LEIDERFARB / EXPRESSO



Livro inaugural, “Outrora e Outros Tempos” permite assistir aos primeiros passos e refazer o caminho literário de Olga Tokarczuk até à atribuição do Prémio Nobel

Olga Tokarczuk (n. 1962) estudou Psicologia em Varsóvia, profissão que abandonou para se dedicar à escrita SOPHIE BASSOULS/SYGMA VIA GETTY IMAGES

Ler um autor da frente para trás pode ser um exercício iluminador. Revela, retrospectivamente, como ele escreveu antes de escrever como escreve. Mostra como a linguagem se preparou para chegar ao presente, que caminhos percorreu, se foi mais densa ou distendida, de que modo o tom da sua juventude anunciava, ou não, o amadurecimento. O romance “Outrora e Outros Tempos”, da polaca Olga Tokarczuk, dá-nos essa possibilidade. Publicado em 1992, é o mais recente título da autora a ser traduzido em português, depois de “Viagens” e “Conduz

o Teu Arado sobre os Ossos dos Mortos”, ambos lançados por cá em 2019, ainda que escritos em 2007 e 2009. Esta condição simultânea de anterioridade cronológica e de novidade editorial permite compreender como é que Tokarczuk, de 58 anos, Man Booker Prize por “Viagens” e Prémio Nobel da Literatura, pensava e sentia a literatura no começo do seu percurso, quando ainda publicava sobretudo poesia e exercia a Psicologia clínica, profissão que mais tarde abandonou.

Talvez, primeiro, um relance: “Certa noite, certa manhã, o homem ultrapassa a fronteira, alcança o seu auge e dá o seu primeiro passo descendente em direção à morte.” Se uma frase pudesse resumir o livro, esta seria a indicada. Não apenas porque “Outrora e Outros Tempos” é, todo ele, uma metáfora da passagem do tempo, mas também pela duplicidade para que aponta, a do tempo individual oposto ao tempo histórico. O romance tem como centro nevrálgico uma aldeia chamada Outrora, à volta da qual toda a trama acontece. Há aldeias satélites, uma floresta onnipresente, uma cidade longínqua, dois rios — e por aqui confirmamos o quanto Olga Tokarczuk gosta da imagem simbólica dos rios como seres orgânicos, quase como raízes do mundo, bem presente, por exemplo, em “Viagens”. Em Outrora e lugares circundantes vive um conjunto de personagens que conhecemos novas e vamos vendo evoluir e envelhecer, como o ciclo da Natureza. Não são pessoas comuns, mas quem o é? (continua...)

“Conduz o Teu Arado sobre os Ossos dos Mortos”, de Olga Tokarczuk: Um livro desconcertante

LUÍS RICARDO DUARTE, 21.10.2019 Visão Sete



O novo romance da polaca Olga Tokarczuk, Nobel da Literatura de 2018, é uma inclassificável e cativante parábola dos nossos tempos. *Conduz o Teu Arado sobre os Ossos dos Mortos* já está nas livrarias

Ela acredita que a morte das pessoas está inscrita nos mapas astrais, assim como os animais têm a sua própria linguagem. Tem as suas “maleitas” e ataques de “ira”, mas confia nas suas “teorias” para recuperar a força e continuar a sua cruzada. *Conduz o Teu Arado sobre os Ossos dos Mortos*, de Olga Tokarczuk, começa com o desconcerto da sua personagem principal. É o segundo romance da escritora polaca, recentemente distinguida com o Prémio Nobel da Literatura, publicado em Portugal. E, à semelhança de *Viagens*, pertence à casta dos livros inclassificáveis. O desconcerto nunca nos abandona. Ora estamos numa comédia improvável, ora num intrincado policial de pequena comunidade, ora num romance político de fronteiras e subsídios, ora num manifesto verde e animal. E tudo se conjuga numa prosa admirável, de preciosos detalhes e subtil caracterização das personagens e do nosso tempo.

Sobre Janina Duszejko, a narradora, falta dizer que não come carne e que criou um cemitério de animais injustamente assassinados. Antiga engenheira, construtora de pontes na Síria, divide-se agora entre o ensino de Inglês e a guarda de casas alheias. Mas a morte do vizinho perturbará o equilíbrio que encontrou nos últimos anos. E, assim, o que de início parecia um romance rural, torna-se, aos poucos e em crescendo, uma inteligente e divertida parábola das sociedades modernas, em que tudo se divide entre “útil” e “inútil”. Até a vida.

Foi com as traduções inglesas que Olga Tokarczuk ganhou projeção mundial, mas, tal como *Viagens*, *Conduz o Teu Arado sobre os Ossos dos Mortos* (Cavalo de Ferro, 352 págs., €17,69) tem versão portuguesa traduzida por Teresa Fernandes Swiatkiewicz a partir do polaco original.